

# IGREJA POPULAR E A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NA MEMÓRIA DOS VELHOS

Giji. P. Mathew<sup>1</sup>

## Resumo

O artigo aborda o processo da construção e a reconstrução das identidades de gênero na Igreja Católica de vertente Popular no bairro do Parque São Rafael, na zona leste de São Paulo, no final do século XX. Revela que as religiões como espaços sociais complexos, portadores de contradições, nem sempre funcionam como forças conservadoras. No caso da Igreja Católica Popular, ela desempenhou uma função de empoderamento das mulheres, que se transformaram em novos atores sociais numa realidade periférica urbana de São Paulo.

**Palavras-chave:** Igreja Popular; empoderamento; atores sociais; gênero e geração

## Abstract

This article analyses the construction and the reconstruction process of gender identities in the Catholic Church of popular trend in the district of Parque São Rafael, in the eastern region of São Paulo, in the late twentieth century. It reveals that the religions as complex social fields, carriers of contradictions, but they do not function always as conservative forces. In the case of Popular Church, she has functioned as a force to empower the women, so they have become new social actors in peripheral urban reality of São Paulo.

**Keywords:** popular church; empowerment; social actors; gender and generation

## Introdução

Este artigo aborda o papel da Igreja Católica de vertente Popular<sup>2</sup> na construção de gênero num bairro periférico na região zona leste de São Paulo: bairro do Parque São Rafael<sup>3</sup>. Ele busca compreender o papel que a religião desempenha na relação dicotômica entre a opressão e a emancipação da mulher brasileira. A Igreja Católica tradicional desempenhou um papel em que a superioridade masculina, ao longo de séculos, se mostrou preponderante. A feminista e teóloga, Fiorenza (1995), afirma este fato ao dizer que a desvalorização tomística da mulher continua a influenciar o

---

<sup>1</sup> Giji. P. Mathew é mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUCSP).

<sup>2</sup> A Igreja Católica de vertente Popular será tratada como Igreja Popular neste artigo.

<sup>3</sup> O artigo é resultado da pesquisa do autor no programa de mestrado em Ciências Sociais na PUCSP. Leia-se a dissertação: “*Igreja Popular e Memória dos Velhos: Parque São Rafael – São Paulo*”. PUCSP: São Paulo, 2015.

pensamento católico. Este pensamento dominou até o Concílio Vaticano II<sup>4</sup> (1962 -65), numa forma muito clara, sem deixar nenhum espaço para a participação feminina na liturgia ou nas atividades importantes da Igreja Católica. Nas décadas de 1950/60, com um surgimento de nova consciência política e lutas sociais que aconteceram, resultou no fortalecimento da Igreja Popular na América Latina (WANDERLEY, 2007), e, depois com o surgimento dos movimentos sociais no Brasil. Neste processo, os espaços e os líderes da Igreja Popular foram fundamentais no empoderamento das mulheres na periferia de grandes cidades.

### **Os caminhos percorridos**

A história mostra que o papel da mulher nas grandes religiões sempre tem sido secundário. Ainda assim, a religião desempenha um papel importante e relevante na vida e na formação da identidade das pessoas. Ela como parte da cultura, examinando o funcionamento de uma sociedade, percebe-se tudo interligado, ao dizer que: “*o homem é um animal amarrado a teias de significações que ele mesmo teceu [..]*” (GEERTZ, 1989, p.4). As leis, as instituições, os comportamentos, as religiões e as crenças fazem parte da cultura. Neste contexto, entenda-se o comportamento humano como ação simbólica, onde o ser humano quer dar sentido às suas ações produzindo mecanismos de controle por programas culturais, para ordenar os comportamentos de gênero. A religião faz parte de uma poderosa expressão cultural de um povo. Segundo Geertz (1989), ela tem implicações de grande alcance para a orientação da conduta humana. Berger (1985) observa que toda a sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento. Nessa construção, a religião tem um papel importante em definir o papel de cada indivíduo, grupo e dos símbolos na cosmovisão religiosa. Segundo Brandão (1985), o Brasil é, ainda, “a maior nação católica do mundo”. Os símbolos e significados do catolicismo invadem praticamente todos os espaços e domínios da cultura brasileira. Tal qual ocorrido no Parque São Rafael no início de sua formação enquanto bairro e enquanto a presença da Igreja Popular. Dentro deste contexto urbano periférico e na Igreja Popular, a discussão e a formação dos papéis de gênero ganham novos contornos.

---

<sup>4</sup> Concílio Vaticano II, XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, foi convocado no dia 25 de dezembro de 1961, pelo Papa João XXIII. Iniciou no dia 11 de outubro de 1962 e terminou no dia 8 de dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI (Leia-se: Fé e eficácia: o uso da sociologia na Teologia de Libertação, 1991).

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. A célebre frase de Simone de Beauvoir, escrita em 1949 no clássico do feminismo moderno: “*O segundo sexo*”, é um lado dessa opressão masculina que aprofundava nas entranhas da vida feminina naquela época na sociedade francesa e também sobre as mulheres da maioria das sociedades do mundo. A socióloga Louro, explica a construção de gênero ao dizer:

Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se construir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental (LOURO, 1997, p.25).

Essa construção ultrapassa as fronteiras das diferenças do sexo, ela se infiltra num dinamismo e dispositivos com que a sociedade divide as funções e a sua operação no cotidiano. A construção de gênero é uma tentativa de formatações de relações sociais mais fundadas na justiça e na igualdade, a partir do respeito pela diferença. Nas décadas de 60 e 70, enquanto as feministas discutiam as desigualdades de gênero nas academias, no mundo artístico e nos campos intelectuais, as mulheres e os homens pobres, sem muita escolaridade, fizeram o caminho de empoderamento das mulheres no bairro periférico e pobre do parque São Rafael.

O bairro do Parque São Rafael e os outros bairros ao redor se formaram como fruto da migração nas décadas de 60s e 70s. A população que vive na região Zona Leste de São Paulo foi formada predominantemente pelos migrantes de todas regiões do Brasil, principalmente da região nordeste (WEFFORT,1988). O bairro do Parque São Rafael é o principal e mais antigo bairro do distrito de São Rafael, no extremo sudeste da cidade de São Paulo. Segundo as informações dos moradores, a ocupação do bairro iniciou-se ainda na década de 1960, quando amplas áreas foram loteadas em terrenos menores e vendidos, sobretudo para famílias de trabalhadores que migravam de outras regiões do estado de São Paulo e de outros estados do Brasil. No censo de 2010, a população do Parque São Rafael era de 143.992<sup>5</sup>, constituindo um bairro com uma população densa. Numa realidade urbana, sem um crescimento planejado e sem a presença do Estado, o bairro do Parque São Rafael e os bairros vizinhos se expandiram.

Ao estudar a história da formação da Igreja Popular e seus novos sujeitos no Parque São Rafael, remeto-me ao período de história, onde, os setores populares atuavam nos projetos sociais, em especial pela não valorização de uma cultura elitista.

---

<sup>5</sup> Informação retirada do site:<http://prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/dados>

Com o populismo que se implantava nos países da América Latina, as elites e os ditadores elaboraram um projeto nacional associando-o aos setores populares. Quanto à cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la negativamente como uma cultura não oficial, a cultura da não elite (BURKE,1989). Surge então, a categoria do povo. Segundo Wanderley:

Esse conceito influenciou a Igreja e, nos anos 50, surge uma espécie de populismo eclesial, penetração nos movimentos populares buscando um cristianismo militante, projeto pastoral da hierarquia e atuação do laicato no mundo em nome da Igreja (WANDERLEY,2007, p.31).

A Igreja Popular é a manifestação do povo em geral, que começa a expressar a sua fé numa forma particular, através das expressões da religiosidade popular e as criatividades de manifestação da fé, em que o próprio homem e a mulher se tornam os protagonistas da vivência da fé (BOFF, L.1981). Esta cosmovisão afeta profundamente a sociedade em que a Igreja está inserida. Para chegar a este ponto da visão da Igreja, ela precisa passar por um longo caminho. Este caminho tem o início bem antes do Concílio Vaticano II (1962 – 65), mas ela se torna uma forma mais sólida e ganha força após o Concílio. A construção da identidade das Igrejas da Periferia possibilitada pelo Vaticano II e a partir deste evento a Igreja da América Latina toma uma dimensão social e se abre para um novo caminho, diferente da preocupação anterior dela que era unicamente manter a sua funcionalidade.

Na compreensão dessas mudanças e transformações que aconteceram na Igreja Católica, a memória das pessoas que viveram e testemunharam na Igreja Popular do bairro do Parque São Rafael foi fundamental. A memória faz com que as situações vividas e testemunhadas sejam lembradas e valorizadas na compreensão dos fatos e das realidades. A antropóloga Bernardo (2007) e Pollak (1992), compartilham da mesma opinião ao dizer que o recurso da memória pode possibilitar muito mais uma pesquisa, à medida que permite descortinar situações conflituosas, discriminações, jogos de poder entre pessoas e grupos sociais e processos como o de construção de identidades. A realidade social que vivenciamos, é uma continuidade da sociedade em que os velhos construíram suas vidas pelas próprias memórias e pelas memórias dos outros. Diz Halbwachs:

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim; os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. Dando relevo às instituições formadoras do sujeito (HALBWACHS, 2013, p.54).

Acreditando, como Halbwachs, que na memória encontra-se o pensamento do grupo ao qual o indivíduo pertence, assim reconstruir os processos e os espaços do empoderamento da mulher dentro da Igreja Popular no bairro do Parque São Rafael. A sociedade é constituída e mantida por seres humanos em ação, onde os velhos lembram a história desta ação humana, que muitas vezes são esquecidas pelos mais jovens, mas são lembradas com muitos sentimentos, do orgulho, da vergonha e da indiferença, são pedaços desta construção social em suas memórias. Quando estes fragmentos se juntam, conseguem construir uma memória social ou uma memória coletiva que necessariamente é uma história social.

A memória é algo eminentemente dos velhos, as pessoas velhas são consideradas na sociedade como portadoras da memória. Segundo a filósofa Chauí<sup>6</sup> (2012), os velhos são a fonte de onde jorra essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara. No entanto, na cultura capitalista, eles são tratados diferentes pelo fato de não poderem vender a força do trabalho. Suas experiências e lembranças são tratadas como ultrapassadas e antiquadas. Este sentimento é evidente na fala da Dona Madalena:

Nós nascemos pobres e vivemos pobres, quando eu era jovem, ainda dava para trabalhar e cuidar dos filhos, depois que fiquei velha, ninguém dá muita importância para gente. Parece que a gente não vale muita coisa! Os jovens não querem ouvir o papo dos velhos, não. Os jovens só querem saber de celular e dos shopping center. A gente vive esquecida no mundo (MADALENA<sup>7</sup>, 76 ANOS).

Dona Madalena em seu relato comprova a importância de valorizar e estudar a história de baixo (BURKE, 1989), de um povo esquecido pelas classes altas e pelos poderes do Estado. Nas periferias sociais, políticas e antropológicas da existência humana, também acontecem histórias da resistência e surgimento de novos atores sociais. Compreende-se através da memória dos velhos o surgimento de novos atores sociais nos acontecimentos que constroem uma nova história social. Para compreender melhor os campos e os processos de construção de gênero na Igreja Popular, a pesquisa foi feita com as pessoas que têm 70 ou mais anos de idade, auto identificadas como católicas e moradores do bairro do Parque São Rafael. Ao trabalhar com as memórias

---

<sup>6</sup> Este trecho do texto é retirado da parte da apresentação da Marilena de Souza Chauí, no livro da Ecléa Bosi: “Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos” (17ª Edição, 2012).

<sup>7</sup> Os nomes dos interlocutores são fictícios, a pedido deles. Porém, o pesquisador tomou a liberdade de dar nome para cada interlocutor. São nomes das pessoas que marcaram a vida do pesquisador e que surgiram na memória espontaneamente.

das pessoas, foi aplicado as técnicas qualitativas. Com o objetivo de mapear os locais por onde as mulheres transitavam dentro da Igreja Católica tradicional, na zona rural e da Igreja Católica Popular, na periferia de São Paulo, e, como eram feitos os processos da formação destes papéis na família e na Igreja, portanto, a Igreja Popular como uma força mobilizadora no processo de empoderamento das mulheres na sociedade brasileira, precisei de abrir mão de uma técnica e usar mais do que uma técnica, assim utilizei um enfoque multimétodo<sup>8</sup>. Assim foram utilizadas técnicas como; histórias de vida com seis idosos, grupo focal formado de doze mulheres, as entrevistas individuais com quatro líderes da Igreja Popular e análise de fontes documentais.

### **Novos caminhos abertos**

Os espaços da Igreja Popular é um campo aberto onde novos atores sociais se surgiram, pois numa Igreja Tradicional<sup>9</sup> os espaços dos indivíduos numa sociedade eram definidos, mas, ao migrar para a periferia de São Paulo, os homens e mulheres pobres migrantes que atuaram na Igreja Popular no bairro do Parque São Rafael, na zona leste de São Paulo superaram o modelo anterior. Este processo de transformações desencadeiam com a migração para a cidade, como diz Comblin (1994), “Por isso a emigração para a cidade aparece desde há séculos como um grande ato de emancipação. Quem vai para cidade, sacode a dominação da família, dos costumes, dos chefes tradicionais – até dos chefes da Igreja tradicional-, [...]”. Neste processo de transformações, entende-se que o presente se constrói caminho do passado, é um caminho de constante mudanças.

Ao analisar este fato social do aparecimento das mulheres como novos atores sociais<sup>10</sup> no bairro do Parque São Rafael, destaco alguns elementos para compreender o contexto social de construção de gênero neste espaço geográfico, social e antropológico. Tudo indica que são cinco fatores que influenciaram neste processo de empoderamento das mulheres na realidade urbana.

---

<sup>8</sup> Para BAUER e GASKELL (2003), essa é uma opção feita por pesquisadores, diante das vantagens e limitações do uso de entrevistas grupais (grupo focal) e das histórias de vidas, fazem a junção de dois ou mais métodos, um enfoque multimétodo.

<sup>9</sup> Quando se trata da Igreja Tradicional, eu refiro a uma Igreja antes do Concílio Vaticano II (1962 -65). A partir deste Concílio surgiram CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e “a opção pelos pobres” pela Igreja Católica. Leia-se: Wanderley (2007) e Boff, L. (2004).

<sup>10</sup> O ator social aparece nos estudos dos movimentos sociais. Na Grã-Bretanha, Anthony Giddens (1979) sugeriu que a aparente oposição entre agência e estrutura pode ser resolvida ou dissolvida concentrando-nos atores sociais no processo de estruturação. A ideia de estruturação como processo levanta a questão da mudança social (BURKE, 2012).

O primeiro fator seria que as mulheres tiveram mais consciência do bairro, pois ficaram em casa, para os trabalhos domésticos e cuidados dos filhos. Segundo o entrevistado e o líder da Igreja Popular, Pe. José: “*as mulheres tiveram mais tempo para participar nas reuniões e nas formações na Igreja, pois os homens trabalhavam longe do bairro e tiveram que sair de casa muito cedo e voltavam muito tarde*” (PE. JOSÉ, 72 ANOS). Neste contexto, as mulheres buscavam um espaço de sociabilidade e encontraram este espaço nas Comunidade Eclesiais de Base<sup>11</sup> (CEBs) da Igreja Popular do bairro, onde elas tiveram um processo de conscientização da sua condição histórico-social e participaram em vários cursos de formação na Paróquia São Marcos Evangelista. Elas começaram a assumir novos papéis tanto na Igreja Popular, quanto nos movimentos sociais.

Possivelmente, um segundo fator que abriu o caminho para construção de gênero deve ter sido o surgimento das novas oportunidades neste espaço social. Na zona rural, o espaço onde a mulher podia transitar era o espaço doméstico, ou seja, os espaços públicos eram ocupados e reservados aos homens (Bourdieu, 2012). As tradições e costumes na zona rural, inibiam qualquer tipo de iniciativa das mulheres nestes campos sociais. Segundo autores como Bourdieu (2012) e Gebara (2000), as mulheres que quebravam estes costumes e tradições na sociedade rural, eram consideradas transgressoras das condutas sociais tradicionais e eram discriminadas. Ao chegar à periferia de São Paulo, elas se sentiram livres, começaram a tomar iniciativas e ocupar os espaços públicos sem a companhia dos maridos ou filhos, o que antes não podiam. Esta liberdade é expressa na fala da Dona Judite:

Meu marido não gostava dos meus trabalhos na Igreja. Uma vez ele me trancou dentro do quarto e saiu, para eu não participar numa reunião na Igreja. Eu pulei pela janela e fui. Ao chegar na Igreja, falei para o padre José sobre o que tinha acontecido, ele deu risada (DONA JUDITE, 76 ANOS).

Esse episódio demonstra uma quebra da lógica de dominação masculina, que as mulheres viviam numa sociedade rural. Ao tomar consciência da sua condição social e

---

<sup>11</sup> As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) são pequenos grupos organizados em torno da paróquia(urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos. [...] São *comunidades*, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem a mesma Igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem uma comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. São *eclesiais*, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São *de base*, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares): donas-de-casa, operários, subempregados, aposentados, jovens e empregados dos setores de serviços, na periferia urbana; na zona rural, assalariados agrícolas, posseiros, pequenos proprietários, arrendatários, peões e seus familiares (FREI BETTO, 1985, p. 16 -17).

antropológica, atuaram nos movimentos sociais, participavam nas passeatas e nas manifestações reivindicando os direitos sociais e políticos.

Um terceiro fator no surgimento das mulheres como novos atores sociais, no bairro do Parque São Rafael, poderia ser a própria necessidade que o momento histórico-social apresentava diante delas. Nas Comunidade Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Popular, as mulheres tomaram consciência da condição social e antropológica na margem da sociedade, na qual elas e as suas famílias se encontravam. As mulheres depararam-se com a falta de tudo na periferia, tais como postos de saúde, creche, escola, transporte etc., essa percepção e o desejo de buscar as melhores condições de vida para suas famílias fizeram com que as mulheres encabeçassem as lutas sociais e as reflexões da realidade social, nas CEBs, à luz da Palavra de Deus e impulsionadas pela sua fé em Deus libertador e justo. A teóloga Jarschel diz: “A mulher começa a refletir o Evangelho a partir da sua experiência de vida: da falta de pão, desemprego, falta de escola e posto de saúde etc. (JARSCHEL, 1991, p.51). A necessidade do momento foi um fator importante no empoderamento das mulheres no bairro do Parque São Rafael.

O quarto elemento apontado como um fator importante na construção das mulheres como novos atores sociais, na periferia de São Paulo, pode ser atribuído ao *carisma* (WEBER, 2010, p.40) das mulheres. Segundo os teóricos como Comblin (1994) e Durhan (1973), as mulheres não tiveram espaço para desempenhar o carisma numa sociedade rural e tradicional, onde os campos sociais eram demarcados e ocupados pelos poderes simbólicos (Bourdieu, 2007) masculinos. Na periferia de São Paulo, no bairro do Parque São Rafael, onde não havia nenhum poder historicamente constituído, as mulheres encontraram um espaço apropriado para desempenhar o seu carisma. Weber define o carisma:

O termo “carisma” como referência a uma qualidade extraordinária de uma pessoa. [...]. A legitimidade de sua autoridade funda-se na fé e na devoção pelo extraordinário [...]. Também é “revolucionária” na medida em que não está ligada à ordem existente (WEBER, 2010, pp.40 -41).

Ao aplicar isso à realidade do Parque São Rafael, nota-se que as mulheres desempenharam um papel revolucionário ao quebrar os paradigmas tradicionais e ao ocupar os espaços que até então, eram ocupados apenas por homens. E reivindicando os seus direitos de cidadania aos poderes políticos, econômicos e religiosos tradicionais vigentes.

O estudo aponta para um quinto elemento que empoderou as mulheres pobres e migrantes do Parque São Rafael foi o apoio da liderança da Igreja Popular do bairro. As mulheres e os homens traziam dentro de si uma estrutura social e a vivência dos papéis de uma Igreja Tradicional, onde as mulheres eram empurradas para secundariedade na sua existência invisível numa sociedade hierárquica. Esta situação muda na Igreja Popular, onde as mulheres e os pobres ganharam um novo espaço e passaram por um processo de desconstrução dos modelos e das estruturas tradicionais internalizadas. Ao passar por este processo de desconstrução e reconstrução, elas tomaram consciência das causas da sua condição social de dominadas e marginalizadas. As ferramentas que ajudaram neste processo foram as Comunidade Eclesiais de Base (CEBs) e os movimentos sociais e populares, onde elas aprenderam a refletir as suas vidas e a realidade social, à luz da sua fé e na Palavra de Deus. Na Igreja Popular, as mulheres se sentiam importantes, apoiados por líderes como Dom Luciano Mendes<sup>12</sup> e pelos padres que atuavam na Paróquia de São Marcos Evangelista.

O surgimento das mulheres como líderes ou novos atores sociais no Parque São Rafael acontece por um conjunto de fatores como já foi apontado. Os cinco fatores sociais poderiam ter influenciado nos processos de fortalecimento de gênero neste contexto histórico social na periferia de São Paulo. Não obstante, a Igreja Popular se torna um palco, onde mulheres e homens buscavam o mesmo espaço para as conquistas diferentes, porém, na mesma direção da liberdade e da dignidade.

### **Considerações finais**

Toda transição ou transformação requer um alargamento de fronteiras de estruturas estruturadas no indivíduo e na sociedade. O estudo demonstra que tais alargamentos não ocorreram de repente e muito menos de forma tranquila. A tensão e as rupturas que este processo de emancipação provocou são de caracteres familiares, religiosos e sociais. Essas rupturas são sentidas entre grupos, que frequentaram a mesma igreja, com membros da família, com outros grupos religiosos e entre os próprios moradores do bairro. Mas, percebe-se que são fatos necessários ao processo de alargamento das fronteiras estruturais, criando novos contornos numa história social vista a partir de baixo ou da periferia. Nessa encruzilhada do passado e do presente nas

---

<sup>12</sup> Dom Luciano Mendes de Almeida, foi ordenado bispo no dia 2 de maio de 1976. Ele se transformaria em humilde servidor do povo de Deus na região de Belém, periferia de São Paulo. Nascia o evangelizador da grande cidade; amigo, sobretudo, das pessoas mais desamparadas (Dom Luciano Mendes de Almeida: Uma vida iluminada, p.43. Frei Diogo Luis Fuitem, OFMconv. São Paulo: Edições Loyola, 2013).

vidas dos pesquisados, abrem-se os campos da construção dos novos atores sociais na Igreja Popular do Parque São Rafael.

A análise da memória comprova o empoderamento das mulheres nos espaços da Igreja Popular, pois este espaço tinha sido onde as mulheres pobres, com pouca educação, surgiram como atores sociais e conquistaram a sua visibilidade. Historicamente, as religiões são consideradas como instrumentos de controles sociais e comportamentais numa sociedade. Apesar dos avanços nos pensamentos sociais e as suas participação nas lutas sociais, as falas dos interlocutores deixavam transparecer, algumas vezes, o seu conservadorismo moral, principalmente relacionado ao comportamento afetivo e sexual dos jovens de hoje. A maior parte dos líderes das Comunidades Eclesiais de Base eram mulheres<sup>13</sup>, elas que coordenavam os encontros, interpretavam os textos bíblicos e provocavam as reflexões dos membros. Algumas delas eram Ministras da Eucaristia e da Palavra<sup>14</sup> nas comunidades do bairro. Muitas delas também eram pessoas que coordenavam as pastorais na Igreja e administravam as finanças nas comunidades. Ocuparam espaços que nunca tiveram oportunidade de ocupar numa Igreja Tradicional ou nos lugares onde moravam antes de vir morar no bairro do Parque São Rafael.

## Referências Bibliográfica

---

<sup>13</sup> Ainda hoje nas CEBs, as mulheres somam cerca de 80% de seus membros, e são elas que se destacam como animadoras e coordenadoras dos grupos (BENICÁ & ALMEIDA, 2006, p.72).

<sup>14</sup> A Pessoa que é escolhida e preparada para auxiliar o sacerdote na missa e distribuir a comunhão para os fiéis ou para conduzir um culto religioso numa comunidade católica.

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Fé e Eficácia: O uso da sociologia na Teologia da Libertação*. São Paulo: Ed. Loyola, 1991.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo. Vol.1 Fatos e Mitos*. Trad. Sérgio de Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BENICA, Dirceu; ALMEIDA, Antônio. *CEBs nos trilhos da ação libertadora*. São Paulo: Paulus, 2006.

BERGER, Peter L. *O dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo:1985

BERNARDO, Terezinha. *Memória em branco e negro: Olhares sobre São Paulo*: Editora UNESP, 2007.

BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*, São Paulo: Ed. Abril Cultural/Brasiliense, 1985

BOFF, Leonardo. *Igreja Carisma e Poder*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. *Novas Fronteiras da Igreja: O futuro de um povo a caminho*. Campinas-SP: Ed. Verus, 2004.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo. 17ª edição. Editora Schwawez.S.A. .2012

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Dominação Masculina*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Ser Católico: dimensões brasileiras um estudo sobre a atribuição através da religião*. In. *Brasil & EUA: Religião e Identidade Nacional*. P. 27 - 58. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na idade moderna: Europa, 1500 -1800*. São Paulo:Ed. Schwarcz Ltda, 1989.

\_\_\_\_\_. *História e Teoria social*. 2ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

- COMBLIN, José. Viver na Cidade. In. José Oscar Beozzo (org.). *Curso de Verão, Ano VIII, Coleção Teologia Popular*, p. 57 – 66. São Paulo: CESEP – Paulinas, 1994.
- DEBERT, Guita G. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 2004.
- DURHAN, Eunice R. *A caminho da Cidade*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.
- FIORENZA, Elisabeth Schussler. *Discipulado de Iguais*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1995.
- FUITEM, Frei Diogo Luis, OFM conv. *Dom Luciano Mendes de Almeida: Uma vida luminosa*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio*. Petrópolis- RJ: Ed. Vozes, 2000.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. 7ª Reimpressão. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.
- JARSCHER, Haidi. Transformar pedras em pão e rosas... O próprio das feministas. In: José Oscar Beozzo (org.). *Curso de verão – Ano V*, p. 46 – 56. São Paulo: CESEP – Paulinas, 1991.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. *Estudos históricos*, vol.5. n.10, p. 200 – 212. Rio de Janeiro, 1992.
- WANDERLEY, Luiz Eduardo W. *Democracia e Igreja Popular*. São Paulo: Educ, 2007.
- WEBER, Max. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Ícone Editora, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio de Sociologia*. 5ª edição. Rio de Janeiro: LTC editora, 2002.
- WEFFORT, Francisco C. Nordestinos em São Paulo: Notas para um Estudo sobre Cultura Nacional e Cultura Popular. In: Edênio Valle – José J. Queiroz (org.). *A Cultura do Povo*, 4ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 1988.